

TUDO O QUE É SÓLIDO SE ESFUMA

Por Carlos Serra

Wodja pawa ra nwana

(Estão a comer o pão da criança)

- Letra de uma canção de Jeremias Ngwenha

I

A bicha anda? Não anda
 Levem os de trás também por favor
 Põem-nos a beber água em recipiente impróprio
 Põem-nos a pentear o cágado
 Põem-nos a pentear um careca

II

Não estamos a dizer que a vida é dura
 Não é dura com o salário no bolso
 Porque está-me a roer, está-me a dar cabo, está-me a morder

III

Trabalho para apanhar o chapa
 Enquanto o salário não chega

IV

A vida está a massacrar-me, está massacrar-me
(gravação a 20/09/2000 - tradução do Changana por Suzana Afonso)

"(...) se aquilo que é não se transformasse, como se poderia saber que é? - Gaston Bachelard¹

Não são poucas as pessoas que hoje, em Moçambique, queixando-se - porque inquietas, porque sentindo-se moralmente agredidas - deste presente em bifurcação tumultuosa, escavam com desespero o passado (o qual certamente não foi muito edificante nas suas diferentes fases) à busca de um lenitivo, de um escudo protector contra as turbulências actuais². Diria Walter Benjamin que nos momentos de perigo ou de anomia as pessoas procuram no passado a recordação adequada que as recomponha e lhes devolva a auto-estima³.

Porque, na verdade, cada vez mais *tudo o que é sólido se esfuma*, como escreveram Marx e Engels há mais de 150 anos a propósito da modernidade capitalista que virusidava rapidamente tudo o que era tradição, crença e sagrado, dando origem à "insegurança e ao movimento eternos"⁴.

Vivemos a vida hoje um pouco como no *Angelus Novus*, o quadro de Klee: nele, para seguirmos uma vez mais Walter Benjamin, o anjo da história tem os olhos esbugalhados presos ao passado quando uma tempestade vinda do paraíso o arrasta inexoravelmente para o futuro, que é o progresso, mas no qual ele apenas vê um amontado de ruínas⁵.

Entre o que de sólido se esfuma, habitam, também, as componentes da epistemologia aristotélico-cartesiana, da leitura do social através do binarismo mobilado com a solidez da disjunção (o velho *ou, ou* isto *ou* aquilo) e com a segurança do presente do indicativo (o velho *é*: isto *é*). Na verdade, a epistemologia da complexidade (por exemplo, o calor encarado como uma proporção de choques, como um coeficiente de possibilidades de choques⁶), do aleatório, da copulativa, das bifurcações, da mestiçagem contraditorial, é, hoje, a coluna vertebral da compreensão desta vida de progresso.

Mas o progresso (ou o *desenvolvimento*, como mais correntemente se diz em Moçambique) é, afinal, perverso,

oligárquico, porque inclui uns e exclui outros, a esmagadora maioria.

Alguns milhares de homens e de mulheres lutaram nos anos 60 para que o futuro deste país fosse (digno livre de uma colonização que se tradicionalizara e de uma tradição que se colonizara) e aberto à partilha do bem-estar.

Hoje e apesar do triunfalismo ruidoso que os Príncipes exibem nas chancelarias internacionais, o país é um dos mais pobres⁷ do mundo.

Existem várias causas para essa pobreza. Salientamos duas: a guerra civil e o neo-liberalismo.

A guerra civil (1976/1992)⁸ teve, entre outras, as seguintes consequências:

- 1 milhão de mortos.
- 454.000 crianças de idade inferior aos 15 anos mortas entre 1981 e 1988 (45% das vítimas).
- 23% de crianças entre os feridos registados em unidades sanitárias.
- 8.1 e 16.7 por 1.000 habitantes vítimas das minas (1995).
- 7.000 crianças deficientes devido às minas entre 1980 e 1993.
- 50.000 pessoas amputadas, das quais 7.000 crianças e mulheres.
- Dos 92.881 soldados e guerrilheiros desmobilizados (76,3 do exército governamental e 23,7% da Renamo) após o Acordo de Paz de 1992, cerca de 28% tinham menos de 18 anos, 4.678 menos de 13 anos, 6.828 estavam entre 14 e 15 anos e 13.982 entre 16 e 17 anos, totalizando 25.498.
- Acima de 250.000 crianças orfãs e não acompanhadas. As crianças foram submetidas a repetidas ex-

periências traumáticas: ameaças de morte, terror, agressões, processos sistemáticos de desumanização, fome, sede, malnutrição, exploração pelo trabalho, abuso sexual, envolvimento em actos militares. No que toca à sua personalidade, foram verificados os seguintes distúrbios: falta de con-fiança nos adultos e em si próprias, falta de perspectiva de futuro e/ou perspectiva pessimista, isolamento, depressões, resignação, altos índices de agressividade, perda de sensibilidade, regressão, introversão, fobias diversas, falta de mecanismos adequados para resolução de conflitos, capacidade muito limitada para aceitar frustrações, sintomas neuróticos diversos.

- Cerca de 1/3 de crianças morrendo antes dos 5 anos.
- 1.000 por cada 10.000 nado-vivos de taxa de mortalidade materna.
- Mais de 150 aldeias e localidades destruídas.
- Cerca de 4.5 milhões de deslocados internos.
- Mais de 1.5 milhões de refugiados.
- Acima de USD 7 biliões de prejuízos à economia nacional.
- Mais de metade da rede rodoviária destruída ou inviabilizada.
- Mais de 50% das unidades sanitárias destruídas.
- Mais de 1.800 escolas destruídas.
- 1/3 da população malnutrida.
- 2/3 de pobreza absoluta.
- 1.500 lojas rurais destruídas.
- 60% da população abaixo da linha de pobreza (1995)⁹.

Neste quadro trágico veio enxertar-se o neo-liberalismo, ritmado por quatro fenómenos interligados: evicção do Estado-

Neste quadro trágico veio enxertar-se o neo-liberalismo, ritmado por quatro fenómenos interligados: evicção do Estado-Providência (apologia desenfreada das virtudes do mercado temperada com uma componente de "alívio à pobreza"), privatizações a granel, despedimento de trabalhadores e corrupção generalizada.

Sobre os três últimos fenómenos, eis, por exemplo, o que nos disse o secretário-geral do Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Construção Civil, Madeiras e Minas de Moçambique, Sr. Jeremias Timane:

"Causas dos despedimentos: falta de capacidade de gestão pelos novos proprietários das empresas privatizadas. Portanto, não há seriedade do caderno de encargo, falta de know how, baixo grau de conhecimento técnico (...); falta de uma política consistente no sentido de assegurar que a empresa funcione devidamente (...). [O concurso é ganho] através da corrupção, o interessado corrompe os indivíduos da comissão ligados ao concurso (...), pretende adquirir ganhos imediatos (...). Ao comprarem as empresas, os empresários encontram as mesmas num estado de funcionamento digamos mínimo, [estas] têm um aprovisionamento de matéria-prima e logo [os empresários] assaltam os fundos [existentes]. (...) a primeira preocupação é assaltar os fundos, comprar Mercedes-Benz, comprar casas para a família e depois do desfalque [pedir] crédito ao Banco, crédito que se irá converter em dívida acumulada. Acabará com as matérias-primas, irá contrair dívidas de água e luz, situação que conduzirá ao encerramento ou arrendamento da empresa, passando [esta] a produzir algo para que não estava destinada"¹⁰.

Desde o início do processo de "ajustamento estrutural" em 1987, foram privatizadas 1.470 empresas, das quais 1/3 estão hoje paralisadas e os seus trabalhadores no desemprego e/ou com os contratos suspensos. Mais de 75 empresas estão em crise, correndo o risco de fechar, devendo salários aos trabalhadores entre seis e 24 meses. O sector do caju foi o mais prejudicado depois que o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional pressionaram para que fosse liberalizada a exportação da castanha em bruto. Como consequência, as fábricas ficaram sem matéria-prima, 15 fecharam as portas e cerca de 10.000 trabalhadores perderam os seus empregos. No geral, calcula-se que mais de 116.000 trabalhadores perderam os seus postos de trabalho desde 1987¹¹. Só entre 1993 e 1998 registaram-se 76 greves em Moçambique, envolvendo 7.020 trabalhadores¹².

Entretanto, uma pesquisa executada nas províncias de Nampula, Sofala e Maputo e encomendada pela *Ética Moçambique*, uma organização não-governamental recém-criada, mostra, sob uma amostra de 1.500 inquiridos, que os Moçambicanos são cada vez mais descrentes da idoneidade dos aparelhos do Estado. Assim, 62% não depositam qualquer confiança na polícia, 51,2 nos tribunais, 45,3 no parlamento e 40% defendem que membros do Governo, dos tribunais e empresários são corruptos. Provavelmente como sintoma de cansaço e inquietação, 72% acham que se deveriam cortar as mãos dos corruptos, 71% que se deveria reintroduzir a pena de morte, 69% que se queimassem ladrões e corruptos e 67% que os bens dos corruptos deveriam ser confiscados¹³.

Em perfeita sintonia com a situação, os sindicatos do crime estão activos. Assim, entre vários casos que se sucedem com uma rapidez e uma impunidade inquietantes, um proeminente jornalista que investigava a corrupção ao nível

bancário, Carlos Cardoso, editor do jornal-fax *metical*, foi assassinado a 1 de Dezembro de 2000. O presidente do Conselho de Administração de um banco comercial moçambicano, o Banco Austral, crivado de créditos mal parados devido a empréstimos feitos a personalidades da vida política e empresarial do país, António Siba Siba Macuácuá, foi a segunda vítima, a 11 de Agosto de 2001, quando procurava sanear o banco fazendo com que os devedores saldassem as suas dívidas.

Enquanto isso, 70% dos Moçambicanos, a braços com a malária e com as diarreias, vive com rendimentos mensais de cerca de USD 20. Eis mais alguns indicadores:

- 38% dos agregados familiares (cada agregado tem em média 4.4 membros, subindo nas cidades para 5.2) queixaram-se este ano de que a sua situação económica piorou em relação a 2000;
- A taxa de analfabetismo está acima dos 50% afectando especialmente mulheres (71.2%) e pobres (88.2%);
- 43.8 % das crianças menores de 5 anos estão em estado de subnutrição crónica, 5.5% em estado de subnutrição aguda e 26% têm peso baixo em conformidade com a idade.
- Apenas 49.5% dos agregados familiares têm rádio, 4.5% ferro de engomar, 4.7% máquina de costura, 4% congelador, 5.1% televisor e 5.8% energia eléctrica;
- 76% têm casas de capim, 41% têm o poço não protegido como sua fonte principal de água e apenas 23.8% têm acesso a água canalizada;
- 57.5% recorrem ao mato para satisfazer as suas necessidades fisiológicas;
- 56.7% dos Moçambicanos afirmaram levar uma

hora ou mais a chegar à unidade sanitária mais próxima¹⁴.

Quisemos sair da pobreza e da exploração. Regressámos a ela.

Escreveu Marx que Hegel observou um dia que "todos os grandes acontecimentos e personagens históricos se repetem por assim dizer duas vezes: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa"¹⁵.

As cidades são, no que concerne à exclusão social¹⁶, exemplares, estando em rápido crescimento desde 1975 devido a seis fenómenos:

- Independência nacional conjugada com a nacionalização dos prédios de rendimento em 1976 e o acesso a eles pelos Moçambicanos que antes viviam nos subúrbios.
- Guerra civil.
- Degradação consequente das condições de vida no campo.
- Regresso de refugiados depois do acordo de paz de Roma em 1992¹⁷.
- Afluxo de cidadãos de países afectados pela guerra (Rwanda, Burundi, Congo, etc.).
- Repatriamento de trabalhadores moçambicanos da África do Sul, Zimbabwe, Malawi e ex-Républica Democrática Alemã.

Assim, Maputo, por exemplo, que em 1975 tinha cerca de 200 mil habitantes, tem hoje cerca de milhão e meio.

A pobreza urbana na África sub-saariana é hoje um enorme desafio. Em relatório datado de 1991, o Banco Mundial afirmou que ainda que a pobreza seja largamente um fenómeno

rural em muitas regiões, a pobreza urbana tornar-se-á no futuro, em África, o problema mais significativo e politicamente explosivo¹⁸.

Como alguém observou, a África Sub-Saariana é a região que mais se urbaniza no mundo e dentro dos próximos 30 anos ela ter-se-á tornado mais urbana do que rural¹⁹.

Ainda que cerca de dois terços da população moçambicana em situação de pobreza absoluta viva no campo, sendo a zona centro do país aquela onde concentra o maior número de pessoas pobres²⁰, a insegurança alimentar é, porém, um fenómeno mais urbano do que rural²¹.

Existe uma opinião pública generalizada em Moçambique, à qual nem mesmo certos académicos escapam, que trata a pobreza seja como um dado natural (quase *africano*)²² independente das relações sociais que importa apenas atenuar (com recurso a expressões do género "alívio à pobreza", frequentes nos jornais, na rádio e na televisão), seja como uma massa amorfa, estatística, de actores sem nervura social nem individualidade ("pobres", "camadas vulneráveis", etc.). Ora, a pobreza pode e deve ser analisada como um produto histórico de relações sociais²³ cuja lógica inexorável consiste, no caso de Moçambique e de muitos outros países, justamente em excluir.

Na verdade, as cidades do país estão rapidamente a consolidar-se com dois pólos assimétricos:

Pequenos centros de bem-estar e de luxo protegidos por grades, sistemas de segurança electrónica e guardas privados e oxigenados por hotéis, casas de câmbio, restaurantes, supermercados, casinos e bombas de gasolina;

Enormes periferias constituídas por cidades de caniço (mundo de "mathapuitha athú"²⁴, como se diz em língua Emakhwa) com os seus *dumba-nengues*²⁵, *barracas*²⁶, lixeiras

públicas e carros de aluguer em péssimas condições técnicas vulgarmente chamados *chapas*²⁷, ao mesmo tempo um mundo de exclusão social e de complexidade cultural, de movimento e de mistura, um mundo em mestiçagem²⁸, em criouliização²⁹ permanente.

Por outro lado, as cidades estão crescentemente a receber pessoas vindas do campo e, de alguma maneira, a *ruralizar-se* (tal como o campo, afinal, a *urbanizar-se*)³⁰.

Por isso se deve evitar o risco de olhar África sob o prisma de uma ruralidade³¹ primordial e imutável. Hoje, África é menos um "campo" e uma "cidade" do que um mundo *mestiço* entre ambos e com ambos, crescentemente peri-urbanizado e urbanizado, formando uma imensa e heterogénea realidade social na qual, como escreveu Achille Mbembe, "tudo se torna subterrâneo"³².

A cidade será o habitat da África de amanhã³³.

É nas cidades, como as de Moçambique, que se constituem milhares de *configurações*³⁴ exemplificadas pelas habitações de caniço, chapa de zinco e cartão, pelos *dumba-nengues*, pelas *barracas*, pelas lixeiras e pelos *chapas*, que são como que os *biótopos sociais* dos excluídos.

É nas lixeiras das cidades, como na do bairro de Hulene em Maputo, que todo um complexo processo de luta pela vida está organizado em torno de um mundo heteróclito de regras, de hierarquias e de gestão dos múltiplos objectos jogados fora pelas categorias sociais de bem-estar, com desempregados (entre os quais desmobilizados de guerra) tentando sobreviver, empregados ensaiando melhorar as suas condições de vida e crianças reinventando lazer e brincadeira como quando, por exemplo, na cidade de Pemba, transformam preservativos "Jeito" em bolas para os seus jogos³⁵ ou quando, na cidade de

Nampula, procuram imitar karatecas cinematográficos chineses enquanto esgaravatam o lixo com paus à procura do que vender e viver³⁶.

É nas cidades onde surgem e se consolidam, cada vez mais, em todas as regiões intersticiais, figuras e associações anómicas de excluídos da *sociedade civil de bem-estar*, como pedintes, viajantes dos *chapas*, crianças da rua³⁷, recolhedores de lixo nas latas e nas lixeiras públicas, vendedores ambulantes, desmobilizados, deficientes físicos, doentes mentais³⁸, prostitutas, passadores de droga, traficantes de moeda estrangeira, diferentes tipos de *gangs*, etc., todos constituindo ao mesmo tempo um universo diversificado de "desviantes"³⁹, um pluri-modelo *normalizado* de contra-sociedade e um centro caleidoscópico de mestiçagem cultural com as suas formas compósitas de linguagem e de representação social.

Todos estão, como num turbilhão, entre um quadro social em rápida decomposição (com os seus rostos colonial, revolucionário, rural e tradicional) e um quadro que se constrói (o neo-liberal). São, a esse propósito, profundamente anómicos, num meio excludente.

Enquanto isso, a criminalidade alastra, num país onde cerca de dois terços da população prisional de Moçambique tem menos de 26 anos. Uma parte significativa dos jovens detidos é autora de pequenos delitos e tem pouca escolaridade. Metade dos reclusos estava desempregada à data da detenção⁴⁰. Dados oficiais reportam que de 1996 a 2000 foram registados mais de 193.000 casos de crime, com os crimes contra a propriedade na dianteira. A Polícia alega que a situação tem várias causas, à cabeça das quais coloca o desemprego, o custo de vida e o contínuo êxodo rural para as cidades⁴¹.

As cidades levedam em novos ritmos históricos, profundamente alotrópicos, num permanente incesto entre o antigo e o moderno, num turbulento e polifágico estado de *akrasia*⁴², como diria Aristóteles, na ambiguidade constante e rebelde à nossa lógica identitária e binária.

É nelas onde os actores da alteridade têm um pé nos curandeiros e outro nas consultas de 1.000,00 Mt dos hospitais e centros de saúde, onde bebem cerveja em lata mas também, por exemplo, *otheka*⁴³, *sura*⁴⁴ ou vinho de caju, onde frequentam as instâncias alternativas de justiça mas igualmente a polícia, onde vão cada vez mais às muitas igrejas que surgem todos os anos no país, onde praticam o *xitique*⁴⁵, dançam *xigubo*⁴⁶, *passada*, *soul music*, *rap* e *afro-beat*, consomem drogas, onde assumem, enfim, múltiplas identidades, inúmeros *entre-deis*, inúmeros eus pluralizados.

É nas cidades onde os actores estão num vaivém incessante e contraditório entre o mundo de fora e o mundo de dentro: os meios de comunicação e o cosmopolitismo urbano tornam-nos cidadãos do planeta e dos seus heróis, mas a procura de pontos de referência e as dificuldades de sobrevivência social fá-los reciclar e reinterpretar a região de origem, recriar a solidariedade étnica (o "somos todos primos" dos *dumba-nengues*, por exemplo), leva-os a dar nova cor aos heróis epónimos. Estão cada vez mais na economia-mundo sem poderem abandonar a economia local e vice-versa: é este o seu *double bind*. Quanto mais dificuldades sociais no mundo de fora, mais estreitos os laços e as fronteiras do mundo de dentro. Se por um lado não existem já verdadeiramente nem tradição nem modernidade, por outro vai-se àquela para modernizar esta e a esta para tradicionalizar aquela consoante os momentos, os processos e as cristas das tensões sociais. O

presente é encarado com os olhos do passado, o passado com os olhos do presente. Oscila-se, como um pêndulo, à procura da vertigem do futuro ao mesmo tempo que se faz marcha-atrás à busca das âncoras de todos os dias, subvertem-se hábitos, acomodam-se subversões. Este é, afinal, um mundo misto, polissêmico, do entre-dois, transfronteiriço, lábil, onde em lugar de estados há transições, onde não se é nunca mas se *está a ser* constantemente, ele é, finalmente, um mundo anfibológico⁴⁷.

Nesse mundo em bifurcação permanente, as próprias línguas, crioulizadas, estão cheias de duplicidade, de oxímoros, de antónimos, de quiasmos, elas são uma subversão contínua dos mundo identitário dos verbos, dos predicados, dos substantivos e dos advérbios. Os verbos estão constantemente a resgatar o *dever*, bloqueando o *ser* dos substantivos. O oxímoro e a inversão argumentativa são correntes: "Está mal mas não está mal", "é verdade mas não é verdade", etc.⁴⁸

Tudo está em processo, em permanente construção e reconstrução na mobilidade urbana, em todas as suas ramificações capilares e andróginas. Não se está já na tradição, mas não se chegou ainda à modernidade. O *está-se a ser*, o *entre-dois* são a regra. Constrói-se desconstruindo, inventa-se reinventando, destrói-se mantendo, vai-se regressando, caminha-se para atrás porque se vai para a frente. Tudo é canibalizado num movimento browniano, contraditorial.

É nas cidades onde toma curso o complexo mundo do informal (que é, afinal, o nosso verdadeiro mundo formal), mundo da *nocturnidade* para alguns, mundo da diurnidade real para a maioria, mundo da *mestiçagem*, heterogênea panóplia de actores, de práticas e de processos, federados todos na marginalidade em relação ao oficial e à lei mas sem quebrar os

laços com ambos, onde tudo se vende (incluindo pontos de exame, drogas, armas e medicamentos) numa permanente negociação sem recibo, onde os preços são feitos e refeitos a cada instante ao sabor do poder estruturante do aleatório, onde o inesperado e a ambivalência são a regra, onde a racionalidade económica e a impiedosa luta pela sobrevivência pagam tributo à *afeição*, ao dom e às redes de solidariedade⁴⁹, aos espíritos e à contra-feitiçaria⁵⁰, mundo onde as línguas originais são, afinal, línguas crioulas, mundo onde os processos de exclusão social são permeados pela inclusão das representações sociais e da cultura dos centros hegemónicos de bem-estar, mundo do ruído, das aparelhagens com o som no máximo, das querelas, das negociações, da vida permanentemente a descoberto, face a face, à vista de todos.

Esse é o mundo entrópico da rua: de lugar de encontros fugazes, a rua é reorientada e convertida à civilização do contacto calórico, das sociabilidades intensas, de uma geometria fractal que subverte as lógicas do espaço simétrico herdado da cidade colonial. Nem as linhas férreas são poupadas por essa invasão das lógicas populares.

Mas a fugacidade que escorre da agitação do mundo febril dos chapas, dos dumbas, das barracas, etc., é constantemente violada e compensada pela produção do tempo antropológico. Na verdade, milhares de pessoas investem diariamente no diálogo, nas horas que perderam o perímetro, no tempo que rompe os relógios, nos espaços a um tempo afectivos e belicosos, rudes e doces, confiantes e trágicos. Cerimónias fúnebres, repastos, bula-bula de esquina, inter-ajuda de bairro, solidariedades religiosas, festas populares: tudo isso passa e pára, avança e recua, encurta e alonga, perpassa e sustém. No tempo que pressiona enxerta-se o tempo grávido do cosmos.

Ao relógio da física clássica sucede a nuvem popperiana, complexa, aleatória, sempre mutante⁵¹; a porta da vida cede lugar à ponte simmeliana: aquela pode fechar-se, esta dá sempre passagem⁵².

É nas cidades e nesse novo mundo da rua reinventada e refeita onde tem curso um permanente exercício de violência catárquica, onde gerações de modestos *big men* fazem diariamente o ritual da prova de força e da rixa corsária, onde a virulência dos protestos sociais e da crítica política é simultaneamente aguda nas palavras, nos gestos, na dança, no canto, nos provérbios urbanos e no chiste e amortecida pelo universo da informalidade (o qual afinal, é exemplarmente formal) e das redes de solidariedade, é nas cidades onde jovens adolescentes transformam os corpos em micro-empresas de aluguer de sexo pondo em causa o império dos homens atentos à tradição e à masculinocracia decisional⁵³, onde, como nas *barracas* e nos *dumba-nengues*, actores das periferias se cruzam com actores do centro, aqueles sobrevivendo, estes acumulando.

É nas cidades onde os excluídos afluem, em massa, aos curandeiros e às igrejas⁵⁴. Como escreveu um dia Karl Marx, "a angústia religiosa é, por um lado, a expressão da angústia real e, por outro, o protesto contra a angústia (...). Exigir que [o povo] renuncie às ilusões é exigir que ele renuncie a uma situação que precisa de ilusões."⁵⁵

É nas cidades onde os problemas mentais, neurológicos e psicossociais dos excluídos desaguam com frequência nos hospitais psiquiátricos e onde a droga e o crime plural se tornam muitas vezes as saídas lógicas do mundo problemático. Depois, em prisões e hospícios, os que detêm o monopólio da criação das normas sociais e da definição dos critérios de transgressão esforçam-se por *normalizar*⁵⁶ os que foram,

afinal, objectivamente afastados por um sistema excludentemente cruel⁵⁷. A montante e a jusante do processo, as famílias dos doentes mentais acabam, elas também, por homologar o labelo psiquiátrico e por recusar aos seus parentes o estatuto da normalidade.

É nas cidades onde muitos idosos e os deficientes se vêem a braços com a fragilização das redes tradicionais de protecção. As "romarias" de pedintes das sextas-feiras nas cidades moçambicanas são, a esse respeito, eloquentes.

É nas cidades onde as mulheres assumem novos papéis e, em muitos casos, passam a ser os sustentáculos financeiros dos lares, organizando todo um complexo processo de compra, venda e revenda.

É nas cidades onde circula o *rumor*, verdadeiro *poor-man's bomb* para dizer como Mbembe⁵⁸, verdadeira *rádio rua* que é ao mesmo tempo forma de produção de sentido e mecanismo de crítica social.

Estamos, verdadeiramente, perante um mundo urbano e peri-urbano, precário, contraditório e *mestiço*, entre o desemprego e o subemprego biscateiro, tido por muitos como anómico e caótico⁵⁹, mundo surgido da interacção e do conflito com outros mundos e com outros grupos sociais e da assimetria de recursos de poder⁶⁰.

Excluídos dos benefícios do bem-estar na ordem social vigente em Moçambique, os actores desse mundo periférico e mestiço, criam uma contra-sociedade compósita, com novas regras, novos valores, novas identidades e novas formas de representação social.

Esses são os actores do *mundo problemático*.

Na verdade, podemos dividir os seres humanos em duas categorias processuais extremas: as do mundo não-problemático e as do mundo problemático (excluimos as categorias intermediárias).

Os habitantes do primeiro têm possibilidades permanentes de transformar o problemático no não-problemático graças ao seu capital de recursos vitais assegurados (alojamento, alimentação, emprego, acesso a serviços dignos de saúde e ensino, sociabilidade plural, etc.). Eles vivem uma cidadania.

Mas já assim não acontece no outro mundo: neste, é necessário lutar duramente para garantir as bases reprodutivas da vida, cada dia é uma batalha dura no problemático, na busca sem tréguas de recursos vitais. Por isso os seus habitantes não vivem, mas sobrevivem prisioneiros da sua infra-cidadania. Pense-se, por exemplo, nas crianças da rua ou nos pedintes das romarias de sextas-feiras, que estão sempre “em cima da lâmina”, como diria o cantor moçambicano Jeremias Ngwenha.

No primeiro mundo temos estratégias de vida: portadores de um “lugar” e de um “próprio”, os seus actores trabalham para criar, proteger e reproduzir as regras do bem-estar.

No segundo mundo temos táticas de sobrevivência: sem lugar definidor, os seus actores lutam no campo dos outros, definidos por eles. Sem um “próprio”, eles só podem jogar nas malhas e nos interstícios das regras dos actores do outro mundo. O seu horizonte é o dia-a-dia, o seu território é o da astúcia, do *entre-deois* dos sobreviventes, dos golpes rápidos, da vertigem dos momentos, dos cálculos de circunstância, dos carteiristas, dos biscates, do vende e revende, da prostituição, da droga, das regras, enfim, de uma autêntica “contra-sociedade”. Como diria Michel de Certeau, o que aí se ganha não se guarda⁶¹.

Esse é, finalmente, o mundo multidimensional da *marronização*⁶²: os seus actores não são escravos⁶³ que se furtam, como outrora nas Américas, aos senhores e aos agressores, desorientando-os em caminhos e abrigos escusos, mas actores de um processo que os exclui, que os mutila e que

por isso percute a afirmação de uma cultura rizomática, profundamente oxímora, na qual a alteridade se joga pelo contra espacial, identitário, ocupacional, bricolado e simbólico.

Neste número de "Estudos Moçambicanos" apresentamos apenas algumas facetas de uma pesquisa ainda em curso na Oficina de Formação do Centro de Estudos Africanos⁶⁴ sobre os processos de exclusão social, sobre o tal mundo problemático existente no País, designadamente trabalhos de João Carlos Colaço sobre recolhedores de lixo na cidade de Maputo, de Helena Monteiro sobre a vida no Hospital Psiquiátrico de Nampula, de Valentina Mateus versando os crenes e os problemas sociais apresentados nas Igrejas Zione da Beira e, finalmente, de Lopes Aquimo tratando dos problemas que afectam os mendigos na cidade de Nampula.

Nesses trabalhos, como tereis ocasião de reparar, os nossos investigadores procuraram estar atentos a várias coisas ao mesmo tempo, especialmente aos factos anónimos, às nervuras do dia-a-dia, àquelas coisas banais às quais ninguém presta atenção. Por isso aqui encontrareis formas de escrita quase tácteis, cinéticas. Reparareis, também, que, frequentemente, procurámos manter a estrutura frásica e a construção gramatical da fala comum.

Mas compreendereis que não é fácil espantarmo-nos: formatados, todos nós, em múltiplas maneiras de nos habituarmos ao dia-a-dia e à uniformidade aparente do que fazemos e dizemos, acabamos por esquecer que o espanto é, afinal, a coluna vertebral de qualquer criação, de qualquer descrição e de qualquer escrita.

Para vários ou para muitos dos clérigos do Método e da Grande Teoria, os nossos "diários de campo" aparecerão sensaborões, mergulhados por inteiro na sociologia espontânea. Como escreveu Howard Becker, perdemos frequentemente o

interesse pelas coisas mais corriqueiras que as pessoas fazem, ignoramos o que vemos porque não é abstracto e pomo-nos à procura de "forças" e de "condições" invisíveis que nos ensinaram ser o objecto da sociologia. Transformamos então a actividade colectiva rotineira em substantivos abstractos⁶⁵.

Por outro lado, importa ter em conta que ao constituirmos, descrevendo-os, todos os *Outros* aqui em causa, o fizemos, naturalmente, a partir do prisma dos nossos códigos, da nossa matriz cultural, dos nossos hábitos, dos nossos princípios, das nossas representações sociais, enfim dos nossos prejuízos. Daí que, aqui e acolá, nem sempre tenha sido fácil evitar os nossos próprios exercícios de desqualificação.

Existem múltiplas formas de violência. Uma delas, à qual muitas vezes não prestamos a atenção devida, é a que se comete por indiferença, no caso vertente por não nos preocuparmos com o destino de todos aqueles que, como mostraremos mais à frente, de sólido apenas têm um ponto de interrogação no início de cada dia. Se este trabalho puder contribuir para evitar isso, para evitar que naturalizemos os deserdados da terra, então dar-nos-emos por felizes. Na verdade, nunca como agora foi tão urgente os cientistas sociais estarem ao serviço pleno da re-humanização da vida.

Finalmente, gostaríamos de vos dizer que nem todos os investigadores da nossa equipa e destes "Estudos Moçambicanos" possuem uma formação universitária. Alguns deles nunca tinham participado numa pesquisa. Mais: jamais tiveram uma prática de escrita regular. Isso faz o desafio, o interesse e o sentido não apenas do trabalho que efectuamos em conjunto, mas, também e especialmente, da nossa Oficina de Formação.

Maputo, 07 de Setembro de 2001

NOTAS

TUDO O QUE É SÓLIDO SE ESFUMA

¹Bachelard, Gaston, *A filosofia do não, Filosofia do novo espírito científico*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, 5ª edição, p.109.

²A imprensa escrita, a rádio e as conversas do dia-a-dia dão-nos conta de um número crescente de pessoas preocupadas com o que chamam "perda de valores morais".

³Benjamin, Walter, *Écrits français*. Paris: Gallimard, 1991, p.342.

⁴"Todo lo estamental y estancado se esfuma (...)" - in Marx, Karl e Engels, Friedrich, *Manifiesto del Partido Comunista*, in Marx, Karl y Engels, Friedrich, *Obras Escogidas*. Moscú: Editorial Progreso, 1973, tomo 1, p.114; "Tout ce qu'il y avait d'établi et d'assuré part en fumée (...)" - in Marx, Karl, *Manifeste du Parti Communiste 1848, Critique du programme de Gotha 1875*. Paris: Le Livre de Poche, 1973, p.9. A versão portuguesa "tudo o que é sólido se esfuma" é da nossa responsabilidade.

⁵Benjamin, Walter, *Écrits...*, *op.cit.*, pp.343-344.

⁶Bachelard, Gaston, *A filosofia do não...*, *op.cit.*, p.58.

⁷Pobre no sentido de ausência de condições para uma vida longa, baixo nível de escolaridade e rendimentos mensais insuficientes - tem-se aqui em conta PNUD, *Relatório Nacional do Desenvolvimento Humano 1998*. Maputo: PNUD, 1998, pp.7-13. Para uma discussão sobre a ambiguidade do conceito de pobreza, veja Fracassi, A., Marques, M.F. et Walter, J., *La pauvreté, Une approche plurielle*. Paris: ESF, 1985, pp.9-83, 219-232.

⁸Entre a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), partido no poder, e a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), executora da oposição armada.

⁹Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade e Organização Mundial de Saúde, *Relatório*. Maputo: Seminário sobre a criança afectada pela guerra, 15-16 de Setembro de 1997, 1997, anexo 1; AFYA (Boletim da Associação Moçambicana de Saúde Pública), edição especial, Junho de 1996, p.52; Draisma, Frieda and Mucache, Eunice, *Physical and Psychological recovery*

and social reintegration of child soldiers: the experience of Mozambique, Cape Town: Symposium on the prevention of recruitment of children into armed forces and demobilisation and social reintegration of child soldiers in Africa, Arthur's Seat Hotel, 23-30 April 1997.

¹⁰*Encontro com Jeremias Timane* - Secretário do SINTICIM. Maputo, 9 de Julho de 2001.

¹¹Organização dos Trabalhadores de Moçambique (Central Sindical), *Situação dos trabalhadores desde 1992 a 2000*. Maputo, Julho de 2001.

¹²Sindicato Nacional dos trabalhadores da Indústria e Construção Civil, Madeiras e Minas de Moçambique, *Relatório das actividades realizadas durante o período de 29 de Outubro de 1993 a 26 de Novembro de 1998 pelo Secretariado Executivo Nacional*. Maputo, s/d.

¹³Notícias de 24 e de 25 de Agosto de 2001, primeiras páginas.

¹⁴Instituto Nacional de Estatística, Inquérito dos *Indicadores Básicos de Bem-Estar* (QUIBB). Maputo: 2001, *passim*.

¹⁵Marx, Karl, *Le 18 Brumaire de Louis Bonaparte*. Paris: Éditions Sociales, 1969, p.15.

¹⁶Evidentemente, cada um de nós é sempre um excluído de qualquer coisa. Corremos assim o risco de criar um conceito a-todo-o-terreno que tudo explica e, afinal, nada explica -veja Frétigné, Cédric, *Sociologie de l'exclusion*. Paris: L'Harmattan, 1999. Importa, portanto, saber a partir de que parâmetros devemos considerar a exclusão social: "(...) os excluídos não são simplesmente rejeitados fisicamente (racismo), geograficamente (gueto) ou materialmente (pobreza). Eles não são simplesmente excluídos das riquezas materiais, isto é, do mercado e da troca. Os excluídos são-no também das riquezas espirituais: os seus valores têm falta de reconhecimento e estão ausentes ou banidos do universo simbólico" - Xiberras, Martine, *As teorias da exclusão, Para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, pp.18-19. Neste trabalho, a exclusão social remete para todos aqueles que não conseguem sair do perímetro do desemprego, do trabalho precário e, portanto, da insegurança social - veja Gauthier, Alain (sous la direction), *Aux frontières du social, L'exclu*. Paris: L'Harmattan, 1997, p.51 e *passim*.

¹⁷Entre a Frelimo e a Renamo.

¹⁸World Bank, *Urban Policy and Economic Development: An Agenda for the 1990s*. Washington, D.C.: World Bank, 1991, p.4.

¹⁹Baker, Jonathan, Introduction, in Baker, Jonathan (ed.), *Rural-Urban Dynamics in Francophone Africa*. Uppsala, Nordiska Afrikainstitutet, 1997, p. 13.

²⁰Ministry of Planning and Finance (Government of Mozambique), Eduardo Mondlane University and International Food Policy Research Institute, *Understanding Poverty and Well-Being in Mozambique, The First National Assessment (1996/1997)*. Maputo, December, 1998, p.58-58 et seq.

²¹*Ibid.*, p.424.

²²O pano de fundo epistemológico subjacente é sempre o de uma África concebida substancialmente na sua irredutível alteridade (os "costumes", os "hábitos", as "tribos", a "ruralidade africana", etc.).

²³Um capítulo fascinante das representações sociais projectadas pelos mandarins (e adoptadas acriticamente pelos média) diz respeito à frequência com que, hoje, em Moçambique, a conflitualidade das relações sociais é substituída por termos e expressões substantivas e neutras do género "o Homem", "os Moçambicanos", "as populações", "as mulheres", "parceiros sociais", etc.

²⁴Significa, aproximativamente, "farrapos de gente".

²⁵Feiras populares nascidas depois que, na época revolucionária, os pequenos vendedores (*candongueiros*, como eram então rotulados) estavam sempre prontos a fugir à vigilância policial.

²⁶Construções sumárias destinadas à venda de produtos diversos.

²⁷Táxis populares, geralmente em precárias condições técnicas. Inicialmente a tarifa era de 100 meticais (chapa 100). Hoje a tarifa é bem mais elevada, mas a expressão *chapas* ou *chapas 100* mantém-se. Veja, entretanto, Matsinhe, Victor, Diário de campanha dos chapas na rota Hulene-Xipamanine (14 de Março/10 de Abril de 1998), in Serra, Carlos (ed.), *Estudos Moçambicanos (número especial)*. Maputo 1998, pp.69-129.

²⁸"A mestiçagem não é a fusão, a coesão, a osmose, mas a confrontação, o diálogo" - Laplatine, François et Nous, Alexis, *Le métissage*. Dominos/

Flammarion, 1997, p.10. Veja, ainda, Laplatine, François, *Je, nous et les autres, Être humain au-delà des appartenances*. Paris: Le Pommier, 1999.

Veja, ainda, Gruzinski, Serge, *La pensée métisse*. Paris: Fayard, 1999.

²⁹Sobre criouliização, veja, por exemplo, Hannerz, Ulf, *The World in Creolization*, in Barber, Karin (ed.), *Readings in African Popular Culture*. Indiana University Press/James Currey, 1997, pp.12-18; Glissant, Edouard, *Métissage et Creolisation*, in Kandé, Sylvie (dir.), *Discours...*, *op.cit.*, pp.47-53.

³⁰Os múltiplos pequenos campos de cultivo e a azáfama dos pilões nas cidades são a contrapartida da Coca-Cola e de outros símbolos da "globalização" no campo, no qual se pode, até, dançar alternadamente o cancionero tradicional e o *rap*.

³¹Ela, Jean-Marc, *Innovations sociales et renaissance de l'Afrique Noire*. Paris: L'Harmattan, 1998, p.356.

³²Mbembe, Achille, *The 'Thing' & its Double in Cameroonian Cartoons*, in Barber, Karin, (ed.), *Readings...*, *op.cit.*, p. 53.

³³Ela, Jean-Marc, *Innovations sociales...*, *op.cit.*, *idem*.

³⁴Configurações são redes de actores sociais que devido à dependência recíproca estão ligados por múltiplos laços, formando, assim, associações interdependentes ou configurações - veja Elias, Norbert, *Qu'est-ce que la sociologie?* Paris: Pocket/Éditions de l'Aube, 1991, pp.154-161. Esta formulação de Norbert Elias pode ser ampliada no sentido de se ter em conta que é mediante essa interdependência, marcada pela distribuição desigual de recursos de poder, que os actores se confrontam pelo acordo e pelo desacordo e, portanto, pela assimetria na produção da vida e das categorias para a interpretar. Cidades de caniço, *dumba-nengues, barracas e chapas* são exemplos de configurações.

³⁵Notícias de 24 de Junho de 1997, p.9.

³⁶Caliane, Januário, [*Diário de campo sobre recolhedores lixo na cidade de Nampula*]. Nampula: Agosto de 2001.

³⁷Na cidade de Maputo as crianças da rua estavam, há pouco tempo, distribuídas por 53 zonas por elas seleccionadas e numeradas. Cada zona tinha

uma espécie de rei. Os rapazes consumiam droga e bebiam bebidas alcoólicas. As raparigas eram consideradas propriedade sexual dos grupos, sendo violadas por todos os rapazes quando pediam guarida a um grupo. Muitas tornavam-se prostitutas. E aos dez anos já havia crianças com SIDA - veja *metical*, 05/08/99, p.5. Há evidências de que a situação se agravou hoje.

³⁸Para a psiquiatrização dos "distúrbios mentais", é sempre instrutivo ler Foucault, Michel, *Les anormaux*. Paris:Hautes Études/Gallimard/Le Seuil, 1999, pp.101-205.

³⁹O "desvio" não pode ser visto como uma transgressão de normas aceites de "comum acordo". Nunca há "comum acordo" numa sociedade dividida em classes sociais e/ou entre outro tipo de agrupamentos, mas conflito permanente. Efectivamente, é necessário ver o desvio como objectivamente criado nas relações sociais por um grupo ou por grupos que para essa situação produzem situações excludentes e protocolos jurídicos e judiciais. A transgressão não é uma qualidade dos desviantes, mas uma consequência processual da acção do grupo ou dos grupos hegemónicos - veja, a este respeito, Becker, Howard S., *Outsiders, Études de sociologie de la déviance*. Paris: Métailié, 1985, p.32. Mas, por outro lado, é necessário ter em conta que uma vez desencadeadas a transgressão e a punição, os "desviantes" interiorizam as normas e as penalidades e agem contra elas como transgressores conscientes, fornecendo a ilusão de que são eles que começaram por subverter a ordem social reinante. Quando a polícia municipal, por exemplo, carrega sobre vendedores e vendedeiras das cidades moçambicanas, fá-lo a partir de um conjunto de situações excludentes e de normas que preexistem ao acto.

⁴⁰Programa de Apoio à Justiça, PNUD, *O sistema prisional em Moçambique*. Maputo: 2000, pp.34-36.

⁴¹*MediaFAX* de 3 de Setembro de 2001, primeira página.

⁴²Incontinência.

⁴³Cerveja nortenha feita de mapira, mexoeira, mandioca, milho ou arroz.

⁴⁴Vinho que se obtém pela fermentação da seiva do coqueiro.

⁴⁵Sistema informal de assistência e previdência, especialmente a cargo das mulheres.

⁴⁶Uma dança do Sul de Moçambique.

⁴⁷Um exemplo transfronteiriço da microfísica: "Os nossos hábitos de física aristotélica estão de tal maneira enraizados que não sabemos trabalhar nesta penumbra conceptual que reúne o corpuscular e o ondulatório, o pontual e o infinito." - Bachelard, Gaston, *A filosofia do não...*, *op.cit.*, p.106.

⁴⁸Veja Tshimbulu, Raphaël Ntambue, *La logique formelle en Afrique noire, Problématique, enseignement et essais*. Paris: Academia Bruylant, 1997, p.41; Elias, Norbert, *Qu'est-ce que...*, *op.cit.*, pp.131-135; Wunenburger, Jean-Jacques, *A razão contraditória, Ciências e Filosofias modernas: o pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, pp.141-151; Bergson, Henri, *La pensée et le mouvant*. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1993, 4^e édition, pp.73-76 e *passim*. Infelizmente, este é um campo ainda não explorado pelas ciências sociais em Moçambique.

⁴⁹Veja Latouche, Serge, *L'autre Afrique, entre don et marché*. Paris: Albin Michel, 1998, *passim*.

⁵⁰A hipótese é a de que a feitiçaria cresce na razão directa da insegurança quanto ao futuro. Não se pode acumular senão para redistribuir. Não o fazer, é arriscar-se a uma acusação de feitiçaria.

⁵¹Popper, Karl, *La connaissance objective*. Paris: Aubier, 1991, pp.321-322.

⁵²Simmel, Georg, *La tragédie de la culture et autres essais*. Paris: Petite Bibliothèque Rivages, 1988, pp.159-166.

⁵³Veja, a propósito, Sévédé-Bardem, Isabelle, *Précarités juveniles en milieu urbain africain, "Aujourd'hui chacun se cherche"*. Paris: L'Harmattan, 1997, pp.32-57.

⁵⁴A nossa equipa está a trabalhar nas igrejas pentecostais de "cura divina", designadamente Zione e IURD (Igreja Universal do Reino de Deus).

⁵⁵Marx, Karl e Engels, Friedrich, *Sobre a religião*. Lisboa: Edições 70, 1976, p.46.

⁵⁶Na verdade, como escreveu Howard Becker, o "desvio" não é uma qualidade do acto cometido por uma pessoa, mas antes uma consequência da aplicação de normas e de sanções a um "transgressor" por certos grupos sociais - veja Becker, Howard, *Outsiders...*, *op.cit.*, p.33.

⁵⁷A montante e a jusante do processo, as famílias dos doentes mentais acabam, elas também, por homologar o labelo psiquiátrico e por recusar aos seus parentes o estatuto da normalidade, como veremos mais à frente a propósito do hospital psiquiátrico de Nampula.

⁵⁸Mbembe, Achille, The 'Thing'..., in Barber, Karin, (ed.), *Readings...*, *op.cit.*, *idem*.

⁵⁹Mas como gostava de dizer Norbert Elias, nenhum grupo humano é privado de ordem e de estrutura.

⁶⁰Recursos de poder são instrumentos materiais e simbólicos que, porque raros uns, decisivos outros, são duramente disputados. Postos governamentais, cargos, viaturas, casas, diplomas universitários, dinheiro, representações do mundo social, definições, etiquetas, etc., são recursos de poder.

⁶¹ Lanzarini, Corine, *Survivre dans le monde sous-prolétaire*. Paris: PUF, 2000, pp.1-11; Certeau, Michel de, *L'invention du quotidien I. arts de faire*. Paris: Gallimard/Folio essais, 1990, pp.59-63.

⁶²Este termo é retirado de Houtart, François et Remy, Anselme, *Haïti et la mondialisation de la culture, Étude des mentalités et des religions face aux réalités économiques, sociales et politiques*. Port-au-Prince/Paris/Montréal: CRESFED/L'Harmattan, 2000, p.20,179-183. Agradecemos a François Houtart a oferta da obra. Veja, também, Canevacci, Massimo, *Sincretismos/ Uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996, pp.26-29.

⁶³Chamados *marrons*.

⁶⁴Através de uma equipa de 22 investigadores, a saber: Carlos Serra, João Carlos Colaço, Hélder Ossemane, Helena Monteiro, Elsa Botão, Paula Libombo, Teles Huo, Flávia Culuane, Vanessa Plínio, Ermínio Jociala, Carlos Chefo, Rogério Batine, Victor Matsinhe, Evélio Banze, Fátima Coleti, Januário Caliane, Lopes Aquimo, Ana Maria da Conceição, Raúl Vilanculos, Valentina Mateus, Maria Matoria Cossa e Inácio do Rosário.

⁶⁵Becker, Howard S., *Outsiders...*, *op.cit.*, p.214.